

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
ANO VI—Número 1.659
Quarta-feira, 23 de Abril de 1924
PREÇO—30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL
TELEFONE—5339-C
Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Na Companhia Geral de Cal e Cimento explora-se desumanamente e torpemente o operariado

OS GRANDES EXPLORADORES

BALTAZAR CABRAL

o alma danada da Companhia Geral de Cal e Cimento explora infamemente os operários

DADOS PARA A HISTÓRIA DO CAPITALISMO

Entre as empresas industriais, financeiras e comerciais que roubam o país, defraudam o Estado e escravizam o operariado, não deve ser fácil encontrar-se uma tão repugnante como a Companhia Geral de Cal e Cimento, da Rasca, porto da cidade de Setúbal. Longe das vidas fiscalizadoras, situada num ormo, a caminho do Outão, essa Companhia lembra melhor um inferno, onde o trabalhador se extenua sem proveito, do que um estabelecimento fabril moderno que pudesse dar, embora poucas, algumas garantias a quem trabalha.

Quem passar pela estrada à beira da qual a fábrica está edificada e atentar na nuvem persistente de poeira cinzenta que a envolve poderá fazer uma ideia leve de quanto ruínoso para a saúde deve ser o trabalho que lá dentro se exerce. Aquela poeira penetra nos poros de quem ali trabalha, atulha os pulmões dificultando a respiração, entoxicando lentamente o organismo; instala-se nos olhos produzindo moléstias perigosíssimas na vista. Natural seria que por parte da empresa houvesse para com os operários um pouco de carinho e alguns cuidados que atenuassem tanto quanto possível as dificuldades do trabalho.

Sucede, porém, precisamente o contrário. O trabalhador é ali, mercê da ganância feroz do sr.

Baltazar Cabral, cuja crônica irremediável em artigos sucessivos estam-
pados nas colunas da *Batalha*, um simples objecto, apenas carne para ignobil exploração.

Baltazar Cabral, administrador da referida companhia, o quer, posso e mando daquela empresa industrial, exerce uma tiranía maior sobre os desgraçados que lhe caem nas garras, do que os proprietários exercem em África sobre os pobres escravos negros.

Alguns crimes repugnantes permitem já na consciência—se é tem consciência—do sr. Baltazar Cabral. E ele sabe tam bem que os praticou que, sempre que se anuncia uma revolução, temendo talvez um gesto de natural vingança, se passa com armas e bagagens para o extrangeiro, para o que tem sempre o passaporte pronto.

Vamos apreciar um desses crimes para que os leitores saibam e avaliem o carácter do cavalleiro de indústria a que nos referimos.

Em 11 de Novembro de 1922, faleceu, em consequência de um desastre o condutor de carroças Manuel Ernesto. Deixou a braços com a miséria a sua companheira e uma filha menor.

Segundo a lei dos acidentes de trabalho, a filha desse operário tinha direito a uma pensão. Para o estabelecimento dessa pensão o Consortium de Acidentes de Trabalho tomou como base o salário de um operário um pouco de carinho e alguns cuidados que atenuassem tanto quanto possível as dificuldades do trabalho.

Sucede, porém, precisamente o contrário. O trabalhador é ali, mercê da ganância feroz do sr.

mação da Companhia era apenas de 5.832 centavos, por dia!

Cinco escudos e trinta e dois centavos por dia, leitores, para sustento dum homem, mulher e uma filha!

É impossível viver-se com tal miséria, dirão os leitores. Sim é impossível. Mas o sr. Baltazar Cabral queria de pagar o prémio de seguro contra acidentes sobre o salário que pagava ao operário, participou no Consortium que este ganhava apenas aquela ninharia, para por sua vez pagar também uma ninharia. E desta forma, iludindo o Consortium, veio a roubar indirecamente a filha da vítima, porque o Consortium, tomando como base para estabelecer a mencionada pensão, o salário de 5.832, diárias, acabou por dar à menor a quantia anual de 174.559.

E sabem porque motivo apareceu no Consortium o referido operário a ganhar apenas 5.832? Porque o sr. Baltazar Cabral não participou que esse operário, como os outros, para poder viver, se via na necessidade de trabalhar horas extraordinárias.

O devido seria que a pensão fosse estabelecida sobre o salário total do operário, incluindo as horas extraordinárias, que o sr. Baltazar Cabral, ardilosamente ocultou. Continuaremos porque, o que hoje fica dito é apenas uma pálida sombra da realidade.

Segundo a lei dos acidentes de trabalho, a filha desse operário tinha direito a uma pensão. Para o estabelecimento dessa pensão o Consortium de Acidentes de Trabalho tomou como base o salário de um operário um pouco de carinho e alguns cuidados que atenuassem tanto quanto possível as dificuldades do trabalho.

Sucede, porém, precisamente o contrário. O trabalhador é ali, mercê da ganância feroz do sr.

Um alívio aceitável—Os negros perseguidos em África também tem direito a que dêles nos lembrmos

A fácia em que se encontram empinhadas as nossas organizações em prol das reivindicações dos negros está sendo sustentada em condições difíceis.

Só à resistência heroicaalguns braços se deve a manutenção ainda dos nossos melhores centros de ação e de luta, não obstante a atmosfera de terror que o despotismo está espalhando por toda a parte e em que triunfante confiantes na impunidade, todos os crimes, todas as asquerosas infâmias, todas as torturas sevicias, todos os preconceitos de raça, todas as perversas crueldades, todas as torturas que a maldade sabe paciente e friamente arquitetar: o roubo, a exploração, os tormentos dantescos, a fome, o cárcere, a morte cruel e infamante...

De facto estão suprimidos todos os meios chamados legítimos de reclamar e de manifestar desde o direito de reunião e de associação até à liberdade da imprensa e até ao direito das petições simples, às autoridades locais e do sítio das correspondências, contendo reclamações que nunca mais chegam à Europa!

Que por tudo isso pois e pelo mais que não é preciso dizer o proletariado e a Batalha ao proletariado das cidades e dos campos que, «ao proferir com energia a palavra Liberdade a favor dos presos por questões sociais», se não esqueça de a reclamar, ao mesmo tempo, para os escravos negros da África!

Permita-me, por isso, o meu amigo e irmão de raça, que, a propósito lhe venha pedir para lembrar, por intermédio de A Batalha ao proletariado das cidades e dos campos que, «ao proferir com energia a palavra Liberdade a favor dos presos por questões sociais», se não esqueça de a reclamar, ao mesmo tempo, para os escravos negros da África!

Não é verdade que muito acidentalmente se pode imaginar a África como um presídio enorme, colosal, onde os presos, reduzidos, há muitos séculos, à mais ignominiosa condição de escravatura, se contam aos milhões?

Não é, pois, necessário que em todas as cidades, vilas e aldeias, o proletariado se manifeste também pela libertação dos escravos negros, reclamando para eles todos os direitos de homens e de cidadãos?

«Que de todas as suas assembleias, comícios e reuniões saiam telegramas dirigidos aos poderes públicos ou moções veementes de protesto contra a exploração dos trabalhadores das rocas de S. Tomé, das plantações da Guiné, dos territórios das companhias privilegiadas de Angola e Moçambique, das obras públicas em África, etc.?

Amigo Mário Domingues!

Em toda a África as perseguições aos negros redobraram de violência e de atrocidade!

Em África é agora, como nunca, tremenda e dolorosa a tragédia da nossa Rua?

Um alívio aceitável—Os negros perseguidos em África também tem direito a que dêles nos lembrmos

A fácia em que se encontram empinhadas as nossas organizações em prol das reivindicações dos negros está sendo sustentada em condições difíceis.

Só à resistência heroicaalguns braços se deve a manutenção ainda dos nossos melhores centros de ação e de luta, não obstante a atmosfera de terror que o despotismo está espalhando por toda a parte e em que triunfante confiantes na impunidade, todos os crimes, todas as asquerosas infâmias, todas as torturas sevicias, todos os preconceitos de raça, todas as perversas crueldades, todas as torturas que a maldade sabe paciente e friamente arquitetar: o roubo, a exploração, os tormentos dantescos, a fome, o cárcere, a morte cruel e infamante...

De facto estão suprimidos todos os meios chamados legítimos de reclamar e de manifestar desde o direito de reunião e de associação até à liberdade da imprensa e até ao direito das petições simples, às autoridades locais e do sítio das correspondências, contendo reclamações que nunca mais chegam à Europa!

Que por tudo isso pois e pelo mais que não é preciso dizer o proletariado e a Batalha ao proletariado das cidades e dos campos que, «ao proferir com energia a palavra Liberdade a favor dos presos por questões sociais», se não esqueça de a reclamar, ao mesmo tempo, para os escravos negros da África!

Permita-me, por isso, o meu amigo e irmão de raça, que, a propósito lhe venha pedir para lembrar, por intermédio de A Batalha ao proletariado das cidades e dos campos que, «ao proferir com energia a palavra Liberdade a favor dos presos por questões sociais», se não esqueça de a reclamar, ao mesmo tempo, para os escravos negros da África!

Não é verdade que muito acidentalmente se pode imaginar a África como um presídio enorme, colosal, onde os presos, reduzidos, há muitos séculos, à mais ignominiosa condição de escravatura, se contam aos milhões?

Não é, pois, necessário que em todas as cidades, vilas e aldeias, o proletariado se manifeste também pela libertação dos escravos negros, reclamando para eles todos os direitos de homens e de cidadãos?

«Que de todas as suas assembleias, comícios e reuniões saiam telegramas dirigidos aos poderes públicos ou moções veementes de protesto contra a exploração dos trabalhadores das rocas de S. Tomé, das plantações da Guiné, dos territórios das companhias privilegiadas de Angola e Moçambique, das obras públicas em África, etc.?

Amigo Mário Domingues!

Em toda a África as perseguições aos negros redobraram de violência e de atrocidade!

Em África é agora, como nunca, tremenda e dolorosa a tragédia da nossa Rua?

Um prelado dos americanos

NEW-YORK. 22.—Comunicações aqui recebidas da África, dizem que os aviadores americanos que pretendem dar a volta ao mundo, estão decididos por grandes noveteiros, saraivados e ventanias. O vento tem soprado com uma velocidade de 80 milhas por hora, e a temperatura é de 20° abaixo de zero.

Conferência Inter-Sindical

São convidados os secretários que fizeram parte das mesas da segunda e subsequentes sessões, para indicarem a comissão administrativa da U. S. O., o dia e hora que lhes convene para pôr em greve, para aumento de salário, os operários pedreiros e serventes da obra dos mestres Monteiro, Fernandes e Cunha, na rua de Arroios, 148, e assistindo-lhes toda a razão, visto que, anférdo respectivamente os irrisórios salários de 13.800, 7.500 e 8.000, arenas lhes concediam um aumento de 50 centavos diárias, são prevenidos todos os pedreiros e serventes de que não devem ir trabalhar para a referida obra, por conta de tais exploradores, sem que sejam atendidas as reclamações dos camaradas grevistas.

O Conselho de Secções,

Tomam-se resoluções sobre os trabalhos violentos

Aberta pois a sessão, entra-se na discussão da referida tese.

Sobre ela falam Jacinto Rufino, S. Joaquim Mendes Gomes e Sarraio do Sindicato da C. P.

DE COIMBRA

O II Congresso Metalúrgico

prossegue serenamente na discussão de problemas de primacial importância—Foi aprovada uma interessante tese sobre higiene e Segurança Social

A pedido de Santos Viseu e referente à exploração dos menores no trabalho denominado «picango», é-lhe demonstrado o que é esse violento serviço e a exploração de que são vítimas. Corroboram as afirmações feitas, Sarracalo, Jacinto Rufino e Joaquim da Silva, dando-se Santos Viseu por satisfeito.

Por proposta ainda de Santos Viseu, o Congresso aprova que o trabalho para os serviços denominados «picangos» seja o máximo de 6 horas, admitindo que em face das necessidades que as empresas surgem de serviço, sejam permitidos os turnos de trabalho, para que o mesmo não seja tam violento.

E' aprovado que os trabalhadores desse serviço sejam também fornecidos os apetrechos necessários para o seu serviço e defender da rudeza desse serviço.

E' encerrada a sessão pelas 24 horas, marcando a nova sessão para as 8.30 do dia seguinte.

Reclama-se para as mulheres salário igual ao dos homens

COIMBRA. 22.—Conforme ficou aprovado na sessão anterior, e para dar andamento a todos os trabalhos, pois as sessões são elas a discussão e em continuação da sessão de ontem a sessão abre às 8.30 do dia de hoje. Continua em discussão a tese «Higiene e Segurança dos operários e proteção aos menores e mulheres na indústria», sendo esta sessão tratada por todos os congressistas com um cuidado extraordinário, pois que além da parte da mesma tese que é aprovada referente aos trabalhadores do «picango», onde os congressistas souberam zelar os pequenos exploradores, a da mulher na oficina e no período da gravidez e também uma das partes da tese que é tratada com carinho bem visível, no desejo de suavizar um pouco o regime arbitral e desunir a que estão actualmente sujeitas.

Sobre a referida tese fazem uso da palavra, Sarracalo do Sindicato da C. P., J. Rufino do Sindicato de Lisboa; e Saul de Sousa e Santos Viseu, o presidente do Sindicato do Porto e o segundo do comité do norte.

Por proposta de Joaquim da Silva, preconisa-se que seja reivindicado para as mulheres na indústria o salário igual ao do homem, tendo por princípio que para igual trabalho igual salário.

Sobre esta proposta e ainda outra de Sarracalo, falam os congressistas Ruiz, Joaquim da Silva, Santos Viseu, Joaquim Silva Pedroso, Mário da Costa Lebre e Zélio Pinho.

O que me irrita é ver insultar camaradas meus que seguem na vida, com inteligência e nobreza, uma estrada eriçada de perigos e sacrifícios. Nesse caso, estão, entre outros, os meus camaradas Mário Domingues, David de Carvalho, Almeida Marques, Francisco Quintal, Pires de Matos, que de modo algum seriam capazes das grosserias e parvoídas que lhes são atribuídas. E, mais me irrita a torpe especulação que se faz naquele jornal como uma confusão onde se discutem assuntos de ordem elevada com aquela serenidade e correção que não tenho visto em muitas assembleias que tem um presidente e dois secretários e duas multidões: uma de injuriadores e outra de injuriados.

Antes de terminar e, para que se não tome a novela a que se impõe, o motivo destas linhas, pois nunca o meu anarquismo se alimentou de frases ócias e chavões incendiários nem jâmnis insultou o meu semelhante só por ele não estar de acordo comigo.

O que me irrita é ver insultar camaradas meus que seguem na vida, com inteligência e nobreza, uma estrada eriçada de perigos e sacrifícios. Nesse caso, estão, entre outros, os meus camaradas Mário Domingues, David de Carvalho, Almeida Marques, Francisco Quintal, Pires de Matos, que de modo algum seriam capazes das grosserias e parvoídas que lhes são atribuídas. E, mais me irrita a torpe especulação que se faz naquele jornal como uma confusão onde se discutem assuntos de ordem elevada com aquela serenidade e correção que não tenho visto em muitas assembleias que tem um presidente e dois secretários e duas multidões: uma de injuriadores e outra de injuriados.

Antes de terminar e, para que se não tome a novela a que se impõe, o motivo destas linhas, pois nunca o meu anarquismo se alimentou de frases ócias e chavões incendiários nem jâmnis insultou o meu semelhante só por ele não estar de acordo comigo.

Por que esse crime se não perpetrar, para que a mocidade impetuosa, o talento enorme e rebeldia fulgurante de Juan B. Acher, não mortam os mãos do carriaco, para que ao artista subime da revolta, seja dado o destino, é necessário que todos os homens livres de Portugal saibam fazer o seu protesto.

Uma injustiça cometida contra um é uma ameaça contra todos.

JUAN AGHER

Lutamos pelo indulto do grande artista revolucionário

Juan B. Acher, o moço artista espanhol, o rebelde, está condenado pelo seu reacção espanhola...

Acher «El Poeta» é um rebelde; não se prostro humildemente perante as lanças duma sociedade pôde, nem lisonjeia os insolentes triunfadores da hora que passa. E porque não lisonjeia e se revolta, a Espanha inquisitorial de Torquemada e Rivera, resolveu executá-lo...

Para que esse crime se não perpetrar, para que a mocidade impetuosa, o talento enorme e rebeldia fulgurante de Juan B. Acher, não mortam os mãos do carriaco, para que ao artista subime da revolta, seja dado o destino, é necessário que todos os homens livres de Portugal saibam fazer o seu protesto.

Uma injustiça cometida contra um é uma ameaça contra todos.

Cristiano LIMA

Venda de leite integral

A fim de concorrer para o abastecimento de leite puro, o que se torn

Intercâmbio de ideias

A correspondência particular pode servir de excelente elemento de propaganda revolucionária

No intuito de fomentar o desenvolvimento das ideias e o interesse pelos inúmeros problemas morais que se surgem constantemente perante o revolucionário que deseja manter integros os seus princípios, publicamos a seguir alguma correspondência trocada entre dois camaradas, sobre um assunto importante.

Leitores aos nossos leitores a conveniência e os altos benefícios que advêm para o espírito e progresso das ideias do facto se discutem, nas cartas particulares que se escrevem aos amigos e conhecidos, questões e detalhes que se prendem com as moderações doutrinárias sociais.

Resposta assim a primeira carta:

Preso amigo: Peusarmos que é generosidade oferecer qualquer coisa e nada pedir em troca, é para mim, um dos muitos erros que não devem progredir a humanidade.

Na vida social tudo é onus deveria ser uma troca; troca-se o amor na vida entre os sexos; troca-se a amizade, a simpatia pessoal; trocam-se dedicações e afetos; troca-se trabalho e serviços que uns aos outros prestamos, etc. Troca-se, pois, tudo... tudo que não seja prejudicial à conservação dos indivíduos, entende-se... tudo que não seja agressivo, como por exemplo boletos!

Visto que somos iguais, visto que somos irmãos, deve existir uma certa reciprocidade de procedimento em todos os actos humanos, nas nossas relações com os outros indivíduos.

Compramos? vendemos também à mesma pessoa. Vendemos? compramos ao mesmo indivíduo. Danos? aceitamos também. Conversamos? pedimos que conversem connosco. Interrogamos? pedimos que nos respondam e que também nos interroguem. Escrevemos a uma pessoa? pedimos que nos escrevam?

Podemos fazer ofertas a pessoas de amizade, pedindo sempre em troca uma pequena retribuição. Podemos propor trocas, aceitando objectos ou produtos de valor aproximado. Podemos realizar semi-trocas, aceitando apenas metade do valor do que oferecemos, etc.

Eu hoje desço fazer uma pequena oferta ao meu preso amigo, e como retribuição, peço-lhe que me responda: Abilos.

POR ESSE MUNDO FORA

APOLÔ Telefone N. 4129
HOJE, às 9:34 da noite
LAURA COSTA
em A pastilha universal, A menor do periquito e a Boguiñas
Número de gorgulha
O MENINO DO CASTELO
A graciosas e deslumbrante revista
FRUJO PRÓIBIDO
representada integralmente e com o novo quadro
"Salon" Belas Artes
Enormíssimo êxito da Companhia OTELO DE CARVALHO
SEXTA-FEIRA - Festa artística de ELISA SANTOS
O número novo, "Não te arites", pela testejada e Oteo de Carvalho

São Carlos - Telefone N. 3063 -
HOJE - A's 21:30 da noite
Última representação Irrevogável
original de Henri Bernstein
A Rajada
Magistral criação de LUCILIA SIMÕES
Roberto: ERICO BRAGA
Sexta sob a direcção de René Bohet
N.º 10, Rua da Praça, 1, qualquer hora:
Camarotes e Praças, 4000, 5000 e 2000; Torrinhos, 1200; Futebol, 900, e Varandas, 350.

AMANHÃ: em cena da moda
A peça de IBSEN
CASA DE BONECA
Admirável trabalho de Lucília Simões
3 únicas récitas 3

C. G. T
SECRETARIADO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA JURÍDICA E SOLIDARIEDADE

Roberto: ERICO BRAGA
Sexta sob a direcção de René Bohet
N.º 10, Rua da Praça, 1, qualquer hora:
Camarotes e Praças, 4000, 5000 e 2000; Torrinhos, 1200; Futebol, 900, e Varandas, 350.

AMANHÃ: em cena da moda
A peça de IBSEN
CASA DE BONECA
Admirável trabalho de Lucília Simões
3 únicas récitas 3

POR ESSE MUNDO FORA

AMÉRICA DO NORTE

Os operários, eternas vítimas

NEW-YORK, 22. - A industrial têxtil do algodão atravessa uma grande crise devido aos altos preços do fabrico e a perda dos mercados estrangeiros. Os patrões declararam que apesar de uma solução para este assunto, a qual seria reduzir os salários que são pagos aos operários. Contra isto protestam as Trade-Unions, ameaçando com a greve se houver diminuição de salários.

A emigração dos japoneses

WASHINGTON, 22. - Diz-se que o presidente Coolidge lançará o veto sobre o projecto de emigração que pretende impedir a entrada de todos os japoneses nos Estados Unidos.

NOVA ZELÂNDIA

Greve ferroviária

CHRISTCHURCH, 22. - Foi inesperadamente declarada a greve ferroviária na Nova Zelândia. O movimento foi organizado com rigor e metódicamente, que, à meia noite em ponto cessou completa e absolutamente o trânsito de comboios.

ESPAÑA

O assalto ao combóio de Andaluzia

MADRID, 22. - Esta manhã circularam boatos insistentes de que a polícia estava na pista dos que mataram os empregados da ambulância postal do combóio da Andaluzia, dizendo-se que já tinha conseguido prender um deles. A polícia suspeita de um indivíduo de nome António Teruel Lopez, que fui desaparecido de Madrid em situação económica affiliva, tendo estado no dia seguinte em sua casa, deixado dinheiro a sua mulher, desaparecendo pouco depois. A seguir, esta depositou a chave da sua residência em casa dum vizinho, a qual, suspeitando, por estes factos, comunicou à polícia que, por sua vez, foi à habitação de Teruel e, arrombando a porta, encontrou-o estendido sobre a cama, com a cabeça atravessada por uma bala. Esta é do mesmo calibre que foram encontradas na ambulância do combóio de Andaluzia. Na casa encontraram-lhe uma certa quantidade de dinheiro, várias navalhas, exemplares do jornal "La Voz", alguns relógios de ouro e bôsias de prata. A polícia está muito interessada neste caso, julgando ter encontrado a pista que a conduzirá à posse de outros inculpados.

ESCOLA-TEATRO Araújo Pereira

Como ontem noticiámos é nos próximos dias 26 e 27 (sábado e domingo), que os alunos desta escola levam à sétima-feira duas espetáculos, no palco da Solidariedade, Largo da Graça, 58.

O programa já estabelecido consta do notável prólogo dramático de Manuel Larangeira... Amanhã - das engagadas comédias "O casamento por conveniência" e "O ônibus de vidro", esta representada pela primeira vez.

ESCOLA-TEATRO Araújo Pereira

Como ontem noticiámos é nos próximos dias 26 e 27 (sábado e domingo), que os alunos desta escola levam à sétima-feira duas espetáculos, no palco da Solidariedade, Largo da Graça, 58.

O programa já estabelecido consta do notável prólogo dramático de Manuel Larangeira... Amanhã - das engagadas comédias "O casamento por conveniência" e "O ônibus de vidro", esta representada pela primeira vez.

ESCOLA-TEATRO Araújo Pereira

Como ontem noticiámos é nos próximos dias 26 e 27 (sábado e domingo), que os alunos desta escola levam à sétima-feira duas espetáculos, no palco da Solidariedade, Largo da Graça, 58.

O programa já estabelecido consta do notável prólogo dramático de Manuel Larangeira... Amanhã - das engagadas comédias "O casamento por conveniência" e "O ônibus de vidro", esta representada pela primeira vez.

ESCOLA-TEATRO Araújo Pereira

Como ontem noticiámos é nos próximos dias 26 e 27 (sábado e domingo), que os alunos desta escola levam à sétima-feira duas espetáculos, no palco da Solidariedade, Largo da Graça, 58.

O programa já estabelecido consta do notável prólogo dramático de Manuel Larangeira... Amanhã - das engagadas comédias "O casamento por conveniência" e "O ônibus de vidro", esta representada pela primeira vez.

ESCOLA-TEATRO Araújo Pereira

Como ontem noticiámos é nos próximos dias 26 e 27 (sábado e domingo), que os alunos desta escola levam à sétima-feira duas espetáculos, no palco da Solidariedade, Largo da Graça, 58.

O programa já estabelecido consta do notável prólogo dramático de Manuel Larangeira... Amanhã - das engagadas comédias "O casamento por conveniência" e "O ônibus de vidro", esta representada pela primeira vez.

ESCOLA-TEATRO Araújo Pereira

Como ontem noticiámos é nos próximos dias 26 e 27 (sábado e domingo), que os alunos desta escola levam à sétima-feira duas espetáculos, no palco da Solidariedade, Largo da Graça, 58.

O programa já estabelecido consta do notável prólogo dramático de Manuel Larangeira... Amanhã - das engagadas comédias "O casamento por conveniência" e "O ônibus de vidro", esta representada pela primeira vez.

ESCOLA-TEATRO Araújo Pereira

Como ontem noticiámos é nos próximos dias 26 e 27 (sábado e domingo), que os alunos desta escola levam à sétima-feira duas espetáculos, no palco da Solidariedade, Largo da Graça, 58.

O programa já estabelecido consta do notável prólogo dramático de Manuel Larangeira... Amanhã - das engagadas comédias "O casamento por conveniência" e "O ônibus de vidro", esta representada pela primeira vez.

ESCOLA-TEATRO Araújo Pereira

Como ontem noticiámos é nos próximos dias 26 e 27 (sábado e domingo), que os alunos desta escola levam à sétima-feira duas espetáculos, no palco da Solidariedade, Largo da Graça, 58.

O programa já estabelecido consta do notável prólogo dramático de Manuel Larangeira... Amanhã - das engagadas comédias "O casamento por conveniência" e "O ônibus de vidro", esta representada pela primeira vez.

ESCOLA-TEATRO Araújo Pereira

Como ontem noticiámos é nos próximos dias 26 e 27 (sábado e domingo), que os alunos desta escola levam à sétima-feira duas espetáculos, no palco da Solidariedade, Largo da Graça, 58.

O programa já estabelecido consta do notável prólogo dramático de Manuel Larangeira... Amanhã - das engagadas comédias "O casamento por conveniência" e "O ônibus de vidro", esta representada pela primeira vez.

ESCOLA-TEATRO Araújo Pereira

Como ontem noticiámos é nos próximos dias 26 e 27 (sábado e domingo), que os alunos desta escola levam à sétima-feira duas espetáculos, no palco da Solidariedade, Largo da Graça, 58.

O programa já estabelecido consta do notável prólogo dramático de Manuel Larangeira... Amanhã - das engagadas comédias "O casamento por conveniência" e "O ônibus de vidro", esta representada pela primeira vez.

ESCOLA-TEATRO Araújo Pereira

Como ontem noticiámos é nos próximos dias 26 e 27 (sábado e domingo), que os alunos desta escola levam à sétima-feira duas espetáculos, no palco da Solidariedade, Largo da Graça, 58.

O programa já estabelecido consta do notável prólogo dramático de Manuel Larangeira... Amanhã - das engagadas comédias "O casamento por conveniência" e "O ônibus de vidro", esta representada pela primeira vez.

ESCOLA-TEATRO Araújo Pereira

Como ontem noticiámos é nos próximos dias 26 e 27 (sábado e domingo), que os alunos desta escola levam à sétima-feira duas espetáculos, no palco da Solidariedade, Largo da Graça, 58.

O programa já estabelecido consta do notável prólogo dramático de Manuel Larangeira... Amanhã - das engagadas comédias "O casamento por conveniência" e "O ônibus de vidro", esta representada pela primeira vez.

ESCOLA-TEATRO Araújo Pereira

Como ontem noticiámos é nos próximos dias 26 e 27 (sábado e domingo), que os alunos desta escola levam à sétima-feira duas espetáculos, no palco da Solidariedade, Largo da Graça, 58.

O programa já estabelecido consta do notável prólogo dramático de Manuel Larangeira... Amanhã - das engagadas comédias "O casamento por conveniência" e "O ônibus de vidro", esta representada pela primeira vez.

ESCOLA-TEATRO Araújo Pereira

Como ontem noticiámos é nos próximos dias 26 e 27 (sábado e domingo), que os alunos desta escola levam à sétima-feira duas espetáculos, no palco da Solidariedade, Largo da Graça, 58.

O programa já estabelecido consta do notável prólogo dramático de Manuel Larangeira... Amanhã - das engagadas comédias "O casamento por conveniência" e "O ônibus de vidro", esta representada pela primeira vez.

ESCOLA-TEATRO Araújo Pereira

Como ontem noticiámos é nos próximos dias 26 e 27 (sábado e domingo), que os alunos desta escola levam à sétima-feira duas espetáculos, no palco da Solidariedade, Largo da Graça, 58.

O programa já estabelecido consta do notável prólogo dramático de Manuel Larangeira... Amanhã - das engagadas comédias "O casamento por conveniência" e "O ônibus de vidro", esta representada pela primeira vez.

ESCOLA-TEATRO Araújo Pereira

Como ontem noticiámos é nos próximos dias 26 e 27 (sábado e domingo), que os alunos desta escola levam à sétima-feira duas espetáculos, no palco da Solidariedade, Largo da Graça, 58.

O programa já estabelecido consta do notável prólogo dramático de Manuel Larangeira... Amanhã - das engagadas comédias "O casamento por conveniência" e "O ônibus de vidro", esta representada pela primeira vez.

ESCOLA-TEATRO Araújo Pereira

Como ontem noticiámos é nos próximos dias 26 e 27 (sábado e domingo), que os alunos desta escola levam à sétima-feira duas espetáculos, no palco da Solidariedade, Largo da Graça, 58.

O programa já estabelecido consta do notável prólogo dramático de Manuel Larangeira... Amanhã - das engagadas comédias "O casamento por conveniência" e "O ônibus de vidro", esta representada pela primeira vez.

ESCOLA-TEATRO Araújo Pereira

Como ontem noticiámos é nos próximos dias 26 e 27 (sábado e domingo), que os alunos desta escola levam à sétima-feira duas espetáculos, no palco da Solidariedade, Largo da Graça, 58.

O programa já estabelecido consta do notável prólogo dramático de Manuel Larangeira... Amanhã - das engagadas comédias "O casamento por conveniência" e "O ônibus de vidro", esta representada pela primeira vez.

ESCOLA-TEATRO Araújo Pereira

Como ontem noticiámos é nos próximos dias 26 e 27 (sábado e domingo), que os alunos desta escola levam à sétima-feira duas espetáculos, no palco da Solidariedade, Largo da Graça, 58.

O programa já estabelecido consta do notável prólogo dramático de Manuel Larangeira... Amanhã - das engagadas comédias "O casamento por conveniência" e "O ônibus de vidro", esta representada pela primeira vez.

ESCOLA-TEATRO Araújo Pereira

Como ontem noticiámos é nos próximos dias 26 e 27 (sábado e domingo), que os alunos desta escola levam à sétima-feira duas espetáculos, no palco da Solidariedade, Largo da Graça, 58.

O programa já estabelecido consta do notável prólogo dramático de Manuel Larangeira... Amanhã - das engagadas comédias "O casamento por conveniência" e "O ônibus de vidro", esta representada pela primeira vez.

ESCOLA-TEATRO Araújo Pereira

Pela Penitenciária

A MORALIDADE DO FISCAL

Publicamos a seguir mais uma carta daar-se, se longe de exemplos nobres, apenas presenciam factos que contrabuem não para se emendar e regenerarem, mas sim para avolarem em suas almas, já de si pequeninas, essa nefasta paixão, esse asqueroso vício, que é, sem dúvida, como a sílfida, um dos grandes cancos infectos e pâtridos desse menos infecta e putrida humanação? Quando, em que tempos, se educou uma criança, uma família, uma nação, com exemplos perversos no intuito que dali resultasse virtudes?

E' precisamente o que aqui acontece. E' meio atrofiado, putrido, imoral, que nos, os reclusos, vivemos. E, contudo, a esta sentina imunda, um estabelecimento de educação, um factor de imprescindível necessidade para a regeneração e tratamento de anomalias, de doenças, segundo a expressão dos criminologistas... Senhores criminologistas, senhores legisladores, vejam a que triste e grotesca situação ficam reduzidos os vossos esforços, os vossos estudos, evidentemente nobres e grandiosos... E' que v. ex.^{as} esqueceram que se é possível ser-nos nobre e grandioso num relatório, num regulamento, numa lei, seja de que natureza for, isto é, se escrevendo, pensando e reagindo é relativamente fácil, impossível, porém, creiam bem nisto v. ex.^{as} é pô-lo em execução, e demais quando essa execução, esse cumprimento, está confiado a criaturas deste jaz, moral e absolutamente autogénicas - porque são mesquinhos - a algo que seja nobre e grandioso...

E' assim, que enquanto se castiga e reprime o jogo entre os reclusos - que é puramente moral - um empregado, um senhor fiscal numa casa desta natureza, manda fazer pelos reclusos - por esse a quem ele tinha o sacrossanto dever de impôr: pelo exemplo e pela conduta irrepreensível - manda-lhes fazer, como fa dizendo - acertamente com o fim altruísta de lhes fazer esquecer suas almas esse vício ignóbil e degradante que se chama o jogo - simplesmente, note bem, ésses infernais arsenais que é munido uma tavolagem!

E' mentira, Senhor Fiscal, o terreno feito sob a minha direção mesas de pano verde, corchões, fichas, etc., etc.? E' agora pregunto a quem me lê, ao ministro, enfim, a todos aqueles que directa e indirecamente são responsáveis por este desarrumado desplante: que pensam sobre isto...?

Joaquim José PACHECO.

DESPORTOS

Considerações oportunas

A questão do profissionalismo no futebol, que há meses apaiçou os dedicados à bola, volta de novo à discussão. Por volta, esta questão ameaça eternizar-se, sem que se consiga de vez separar o amadorismo do profissionalismo.

Analizando o assunto detidamente vemos que alguns jogadores usufruem regalias que alguém lhes concede para jogarem por determinado clube e que outros há que recebem diretamente do clube remuneração pelo seu esforço nos desafios de futebol. Ora é inegável que qualquer destes dois casos existe, embora qualquer delas não seja facilmente demonstrável, de momento. O primeiro dos casos apresentados (regalias concedidas ao jogador, tal como emprego vantajoso, participação em estabelecimentos, etc.) é completamente invitável, e, além disso, dificilmente condonável. De facto não é o clube que concede tais «conchitas», mas sim um qualquer sócio que se acha no direito de escorrer os seus empregados, debaixo da condição, é claro, de tomar parte na sua 1ª categoria.

O segundo caso, porém, muda muito de figura. Aqui é já o próprio clube que paga, elevando os seus jogadores à categoria de profissionais. Também não é condonável que um jogador, segundo a teoria moderníssima da vida, liga vida pelo futebol, extraíndo dos seus admiráveis pontapés o dinheiro necessário para a sua manutenção. O que é condonável é que seja um clube

Récita de estudantes

Mantendo os alunos da Escola Comercial de Veiga Beirão uma Caixa Escolar, que auxilia os estudantes pobres, promove excursões e visitas de estudo, ministra ginástica, canto coral, etc.

Em favor da sua agremiação levam à escola, no próximo domingo, pelas 15 horas, no teatro Politeama a opereta 3 actos «Juanito», da autoria de dois professores da mesma escola, tudo indicando que a récita deve resultar brilhante e esfusante de alegria, como em geral todas as festas promovidas pela comitiva das escolas.

Agradecemos e convite que nos foi enviado.

FATOS A PRESTAÇÕES

Alfaiataria, R. de S. Paulo, 105-107

guerra? não ouves o rápido galope dos cavalos?... Já não estão a mais de 6 tiros de flecha distantes de nós... Mandei encalhar o barco na areia para chegar mais depressa junto de ti; apenas teremos tempo de deitá-lo à água... Queres que morramos aqui? está dito... morreremos valorosamente; mas se queres fugir, não há um momento a perder.

— Eu teu irmão! é a morte que se aproxima! bradei eu pela última vez a Elwig, a quem não podia abandonar sem pesar, porque, pondo tudo de parte, ela salvava-me a vida. Daqui a um instante já seria tarde...

E como a sacerdotisa não me respondesse, gritei a Douarnek:

— Ajuda-me... levá-la-hemos à força!

Para arrancar Elwig do cadáver de Riowag, a quem se abraçava com uma força convulsiva, seria preciso levantar os dois corpos; renunciámos a tal empreza.

Os cavaleiros franceses aproximavam-se tam raptamente que a claridade dos arches que traziam, feitos de rezina, quasi que se projectava no rio... Já não era tempo de salvar Elwig... O barco, graças aos nossos esforços, entrou na água: eu apoderei-me do leme, Douarnek e os outros dois soldados remaram com vigor.

Estavamos a um tiro de flecha da borda do rio, quando a claridade dos arches vimos chegar os primeiros cavaleiros franceses, e à sua frente reconheci Néroweg, o águia terrível, notável pela sua estatura colossal, e seguido de muitos cavaleiros que, como ele, soltavam gritos de raiava; meteu o cavalo ao rio, e os seus companheiros imitaram-no agitando com uma das mãos as compridas lanças e com a outra os arches, cujos avermelhados reflexos alumiam ao longo as águas e o nosso barco, que se afastava à força de remos...

Sentado ao leme, bem depressa voltei costas à praia, e disse tristemente a Douarnek:

TEATROS & CINEMAS

No Eden-Theatro

Companhia espanhola de declamações. A tragédia de Angel Guimerá «Tierra baja»

Bom serviço nos está prestando a Companhia Gomez Ferrer, revelando-nos sua língua: algumas das peças notáveis do moderno teatro espanhol.

«Tierra baja», a vez, agora, a «Tierra baja» obra prima do grande dramaturgo ca-

nos seus três novos e graciosos náu-

mos e com o quadro «Salon Belas Artes», que tem pilhas de graca.

— Apesar do enorme sucesso obtido no Coliseu dos Recreios, pela linda opereta «A Dança das Libélulas», que teve um notável desempenho por parte dos artistas que compõem a grande companhia italiana de ópera e opereta, a Empresa daquela casa de espectáculos teve de retirá-la da cena para que a admirável companhia possa exhibir todo o seu vaso e seleccionado repertório e é assim que já hoje se representa pela primeira vez em Portugal e naquela casa de espectáculos, a não menor bela opereta «A Lenda das Crejas», admiravelmente musicada pelo inspirado maestro italiano A. Pena, e que no estrangeiro tem obtido o mais completo triunfo. A distribuição da peça é a seguinte: Duquesa Margarida, Luisita Córtes, Roseta, camponeza, Margherita Neglia; Conde Gontrano de Lozano, Giulio Neglia; Duque Lúculo, Giuseppe Battaglini; O Doutor, Arnaldo Bottaro; Lassolini, Costante Colombo; Gandini, dama da corte, Carmen Ricci e Mimmo, C. Carmi-

nos, e assim que já hoje se representa a grande tragédia rural, exuberante de vigor, mísula e eloquente, em que de momento a momento se entrecruzam afectividades opostas e se entrecruzam sentimentos bem diversos, das melhores peças do teatro espanhol.

São três actos fortes, sinceros, dumbe castiga duma intensidade estremadeira de convicção. Não há uma frase débil, banal, incerta ou nebulosa.

Tudo nela está no seu lugar, erguido, solene, clamante de verdade, vibrante de sentimento.

Não ressalta das suas scenas a anemia depressiva dos poemas recordados de pieguismos insubstanciais, e de emotis-

mos de fitas fatais.

— «Tierra baja» aperta-nos na malha espessa do seu meio de rusticidade, com altas montanhas levantadas a prumo em que os pincares arefados pela neve eterna, os olhos em desmedo, num sobrenatural de liliás. E os músculos de aço dos seus homens próximos de águas, no olhar fulminante, próximos da flor silvestre a tocar a terra, nos lances do coração, apertam-nos num halo de rude fulguração, simbolismo arrancado à compleição rude descomunal do colosso «Manelich», héracles e pompa, adaga que rasga ventres de lobo, boca que cicia caríbres que lhe fogem, mãos de mulher que se crispam a repelir.

Guimerá construiu a tragédia e num movimento de tremenda vida animou-nos o nosso coração vibra ao máximo perante a grandeza daquelas scenas primativa pelo olho da sua essência alpestre.

— «Tierra baja» é uma peça realista, que o seu autor apresenta como sendo de intui-

tos altamente moralizadores, que, a seu respeito, diz: «Eu sou bom e hei-de-

lar em nome da justiça, da caridade e do amor».

Os 5 quadros da peça que se tornam do domínio público em Sevilha, dando origem, as mais ardidas discussões, são os seguintes: 1.º «Noche de juerga»; 2.º «Abel, visionário»; 3.º «Maleficio»; 4.º «El alma suicida»; 5.º «El agua fuerte del collar de rosas».

— «Tierra baja» é uma peça realista, que o seu autor apresenta como sendo de intui-

tos altamente moralizadores, que, a seu respeito, diz: «Eu sou bom e hei-de-

lar em nome da justiça, da caridade e do amor».

— «Tierra baja» é uma peça realista, que o seu autor apresenta como sendo de intui-

tos altamente moralizadores, que, a seu respeito, diz: «Eu sou bom e hei-de-

lar em nome da justiça, da caridade e do amor».

— «Tierra baja» é uma peça realista, que o seu autor apresenta como sendo de intui-

tos altamente moralizadores, que, a seu respeito, diz: «Eu sou bom e hei-de-

lar em nome da justiça, da caridade e do amor».

— «Tierra baja» é uma peça realista, que o seu autor apresenta como sendo de intui-

tos altamente moralizadores, que, a seu respeito, diz: «Eu sou bom e hei-de-

lar em nome da justiça, da caridade e do amor».

— «Tierra baja» é uma peça realista, que o seu autor apresenta como sendo de intui-

tos altamente moralizadores, que, a seu respeito, diz: «Eu sou bom e hei-de-

lar em nome da justiça, da caridade e do amor».

— «Tierra baja» é uma peça realista, que o seu autor apresenta como sendo de intui-

tos altamente moralizadores, que, a seu respeito, diz: «Eu sou bom e hei-de-

lar em nome da justiça, da caridade e do amor».

— «Tierra baja» é uma peça realista, que o seu autor apresenta como sendo de intui-

tos altamente moralizadores, que, a seu respeito, diz: «Eu sou bom e hei-de-

lar em nome da justiça, da caridade e do amor».

— «Tierra baja» é uma peça realista, que o seu autor apresenta como sendo de intui-

tos altamente moralizadores, que, a seu respeito, diz: «Eu sou bom e hei-de-

lar em nome da justiça, da caridade e do amor».

— «Tierra baja» é uma peça realista, que o seu autor apresenta como sendo de intui-

tos altamente moralizadores, que, a seu respeito, diz: «Eu sou bom e hei-de-

lar em nome da justiça, da caridade e do amor».

— «Tierra baja» é uma peça realista, que o seu autor apresenta como sendo de intui-

tos altamente moralizadores, que, a seu respeito, diz: «Eu sou bom e hei-de-

lar em nome da justiça, da caridade e do amor».

— «Tierra baja» é uma peça realista, que o seu autor apresenta como sendo de intui-

tos altamente moralizadores, que, a seu respeito, diz: «Eu sou bom e hei-de-

lar em nome da justiça, da caridade e do amor».

— «Tierra baja» é uma peça realista, que o seu autor apresenta como sendo de intui-

tos altamente moralizadores, que, a seu respeito, diz: «Eu sou bom e hei-de-

lar em nome da justiça, da caridade e do amor».

— «Tierra baja» é uma peça realista, que o seu autor apresenta como sendo de intui-

tos altamente moralizadores, que, a seu respeito, diz: «Eu sou bom e hei-de-

lar em nome da justiça, da caridade e do amor».

— «Tierra baja» é uma peça realista, que o seu autor apresenta como sendo de intui-

tos altamente moralizadores, que, a seu respeito, diz: «Eu sou bom e hei-de-

lar em nome da justiça, da caridade e do amor».

— «Tierra baja» é uma peça realista, que o seu autor apresenta como sendo de intui-

tos altamente moralizadores, que, a seu respeito, diz: «Eu sou bom e hei-de-

lar em nome da justiça, da caridade e do amor».

— «Tierra baja» é uma peça realista, que o seu autor apresenta como sendo de intui-

tos altamente moralizadores, que, a seu respeito, diz: «Eu sou bom e hei-de-

lar em nome da justiça, da caridade e do amor».

— «Tierra baja» é uma peça realista, que o seu autor apresenta como sendo de intui-

tos altamente moralizadores, que, a seu respeito, diz: «Eu sou bom e hei-de-

lar em nome da justiça, da caridade e do amor».

— «Tierra baja» é uma peça realista, que o seu autor apresenta como sendo de intui-

tos altamente moralizadores, que, a seu respeito, diz: «Eu sou bom e hei-de-

lar em nome da justiça, da caridade e do amor».

— «Tierra baja» é uma peça realista, que o seu autor apresenta como sendo de intui-

tos altamente moralizadores, que, a seu respeito, diz: «Eu sou bom e hei-de-

lar em nome da justiça, da caridade e do amor».

— «Tierra baja» é uma peça realista, que o seu autor apresenta como sendo de intui-

tos altamente moralizadores, que, a seu respeito, diz: «Eu sou bom e hei-de-

lar em nome da justiça, da caridade e do amor».

— «Tierra baja» é uma peça realista, que o seu autor apresenta como sendo de intui-

